

A AMAZÔNIA É UM PATRIMÔNIO DO BRASIL – POR QUE SE PREOCUPAR COM A AMAZÔNIA?

Joselauro Justa de Almeida Simões
Cel Int Ex

Espaço Amazônico

Para se ter uma noção do tamanho da Região Amazônica, toda a Europa cabe dentro dela, com exceção da Rússia. São aproximadamente 5.000.000km² representando 56% do território nacional. Delas fazem parte os estados do Pará, Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, oeste do Maranhão, norte do Mato Grosso e o Estado de Tocantins. Mais do que a metade da nossa nação.

Ambiente Amazônico

Possui o maior banco genético do mundo, incomparável biodiversidade, 1/5 da água doce e 1/3 das florestas do Planeta. Riquezas incalculáveis no subsolo e imenso vazio demográfico.

Hylé, em grego, significa floresta. A Hiléia Amazônica é o ecossistema mais preservado da Terra. O seu clima é equatorial com 100% de umidade e com chuvas abundantes e sistemáticas.

No Escudo das Guianas, ao norte do Rio Amazonas, as riquezas minerais são pouco conhecidas, o mascaramento da cobertura vegetal oculta o tesouro que se encontra no subsolo. O Grupo Roraima tem, na sua estrutura, um dos mais impressionantes conjuntos de rochas sedimentares. É rica em ouro e diamante.

No alto Rio Negro, encontra-se o maior depósito de nióbio (Nb) do Planeta, metal de “última geração”, utilizado na produção de aços especiais e, em combinação com o níquel e o cobalto, compõe as superligas, indispensáveis à Indústria Aeroespacial.

A vocação mineral da Amazônia é imensa; nos reinos vegetal e animal encontramos o maior banco genético do Planeta. Gerarão produtos alimentícios, medicinais, químicos e outros ainda desconhecidos. Neste particular, temos sido alvo de “espionagem” por elementos estrangeiros, vestidos até de turistas, os quais levam, para o exterior, mudas e sementes que tecnicamente pesquisadas, são transformadas em produtos acabados. É a biopirataria. A exploração do ecossistema é um prato feito para o apetite alheio.

Não devemos esquecer a abundância da energia hídrica.

A pauta alimentícia da Hiléia, além da castanheira, possui açaí, bacaba, bacuri, biribá, buriti, cacau, cupuaçu, graviola, inajá, jenipapo, mangaba, mari-mari, patuá, pequi, pupunha, sapoti, sapucaia, sorva, taperebá, tunucá e tantas outras. É apenas uma amostragem – de fome o amazônida não morre.

Os líquidos viscosos de grande valor industrial são, também, uma dádiva de Deus. O látex não somente das seringueiras, mas, também, o látex da maçaranduba, da mangabeira e da marupita são usados para o preparo da borracha.

As plantas medicinais são objeto de estudos, sobretudo, de estrangeiros. Os nossos índios conhecedores dos segredos das plantas naturais estão sendo objeto de exploração por pesquisadores alienígenas.

Por Bismark: **“As riquezas naturais nas mãos de quem não sabe ou não as quer explorar constituem permanente perigo para quem as possui.”**

Regiões Críticas e Áreas Estratégicas

Um dos alvos prediletos dos alienígenas são as reservas indígenas, devendo os brasileiros voltar suas atenções para a penetração de estrangeiros nessas áreas.

Os territórios das “Reserva Ianomâmi” e “Raposa Terra do Sol” são contíguos às áreas de fronteira e ultrapassam a faixa de 150km, prevista na Constituição.

A região da “Cabeça do Cachorro” (São Gabriel da Cachoeira) faz fronteira com a Colômbia, envolvida com ações de guerrilha e narcotráfico internacional, bem como as posicionadas ao norte do estado de Roraima, fronteira com a Venezuela e a Guiana, bastantes vulneráveis em face das nossas despovoadas fronteiras.

Urge acelerar o “Programa Calha Norte” pela existência de uma região rica e praticamente inexplorada, despovoada e com fraca presença brasileira ao longo de extensa fronteira de 6.771km, ao norte do Rio Amazonas.

Atos de Governo

Decisões questionáveis e problemáticas.

Então vejamos:

O Presidente Fernando Collor, em Decreto Presidencial, assinado em 15 de novembro de 1991, criou a “Reserva Ianomâmi” (9.4 milhões de hectares ou 16.642km²), com área equivalente ao estado de Santa Catarina. Consta que a decisão para a sua criação foi tomada em meados da década de 60, por iniciativa da

Casa de Windsor, cujos pormenores e implicações estratégicas foram arquitetados pelo Príncipe Philip da Inglaterra.

Em 14 de abril de 1998, o Presidente Fernando Henrique Cardoso homologou as terras indígenas de São Gabriel da Cachoeira, formando um polígono contínuo de 10.6 milhões de hectares (quase do tamanho de Cuba).

Por sua vez, o Presidente Lula assinou a Portaria nº 534, de 13 de abril de 2005, homologando a Reserva Indígena Raposa Terra do Sol, de forma contínua, uma área de 1.743.000 hectares, considerada posse permanente dos grupos indígenas INGARIKÓ, MAKUXI, TAUREPANG e WAPIXANA. Tal atitude contraria frontalmente todos os estudos e relatórios promovidos pelo Congresso Nacional.

O Presidente Lula sancionou, recentemente, a Lei nº 11.284, de 2 de março de 2006, que promove a indiscriminada concessão de uso de florestas públicas na Região Amazônica.

Indígenas

A polêmica é segregar ou integrar?

Na demarcação das terras indígenas, qual seria o seu tamanho?

Quais os critérios para demarcar as suas terras?

Precisaríamos de respostas para essas indagações, além de não conhecermos qual a regulamentação da Constituição de 1988, com relação à exploração das áreas indígenas.

As comunidades indígenas são constituídas em **tribos**, geralmente nômades de diferentes etnias e línguas diferentes. Não reconhecemos e repelimos a denominação de **nações** que permite interpretações levianas as quais podem ameaçar os interesses nacionais e até a integridade do território e a soberania nacional.

Narcotráfico

Pela extensão das fronteiras “abertas” da Amazônia, que facilitou as penetrações, constróem-se **corredores de passagem** do narcotráfico em direção à Europa e aos Estados Unidos. O mesmo acontece com a Bolívia e a Colômbia, tradicionais produtores de coca. Não possuímos domínio sobre as áreas limítrofes com a Guiana e o Suriname.

Campos de pouso clandestinos, em plena selva, permitem o tráfico de entorpecentes, de armas e de dinheiro. A Amazônia é imensa, e os pequenos aviões voam a baixa altura, dificultando a sua detecção pelo radar (SIVAM).

O Inimigo Invisível

A Amazônia é o **paraíso** da proliferação de doenças tropicais, tais como: leishmaniose, malária, febre amarela, hepatite, dengue, lepra (hanseníase † maior índice depois da Índia), tuberculose e mosquitos que transmitem até cegueira (tracoma).

Os habitantes aclimatados à região (caboclos, índios e seringueiros) são menos afetados. Os brancos são mais vulneráveis a essas doenças.

Cobiça Internacional

Considerações

Desde épocas remotas, existem ambições sobre a Região Amazônica, despertando a curiosidade de famosos cientistas e naturalistas do mundo desenvolvido, em torno da grandeza e das riquezas da área. Teses sobre a livre navegação internacional no Rio Amazonas; e as tentativas do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica reforçavam, em épocas passadas, as más intenções com relação ao nosso País.

Hoje, as ações são concentradas pelas Organizações Não Governamentais (ONG), algumas mascaradas com nobres programações sobre fins humanitários, ecológicos ou científicos, direitos humanos, defesa ambiental e combate a desigualdades sociais. Na realidade, pregam o lema de que a “*Amazônia é Patrimônio da Humanidade*”.

A idéia de que o BRASIL é incapaz de preservar a natureza amazônica já tem simpatizantes na ONU, UNESCO e entidades financeiras internacionais, incluindo até a constituição de uma entidade supranacional para intervir na Amazônia.

As pressões e as presenças das ONG nas reservas indígenas e nas regiões de fronteiras formam praticamente um “*corredor de isolamento*” que favorece a estranhos interesses.

Ação psicológica

Uma verdadeira “*cruzada*” se forma contra o Brasil, desde as vozes de personalidades mundiais até à pregação de que a Amazônia pertence ao mundo.

Os países militarmente fracos correm o risco de ter as suas soberanias violadas. Daí vem a concepção das guerras assimétricas.

As perspectivas crescem com a previsão de escassez da água potável no mundo, por volta de 2025.

Frases de efeito

Entre as diversas manifestações de personalidades contrárias à nossa soberania sobre a área, destacaram-se:

1983 - Margareth Thatcher; 1989 - Al Gore; 1989 - François Mitterrand; 1992 - John Major; 1992 - Mikhail Gorbachov; 1994 - Henry Kissinger; 1996 - Madaleine Albright; 1998 - General Patrick Hughes; 2005 - Pascal Lamy (Presidente da OMC): “*A Amazônia e as outras florestas tropicais do Planeta deveriam ser consideradas bens públicos e mundiais e submetidas à gestão coletiva, ou seja, gestão da comunidade internacional.*” Observem que Mitterrand, na época, criou a doutrina da “soberania relativa” e a doutrina do “direito de ingerência”. Hoje já se fala de “soberania compartilhada”.

Invasão branca

Esta denominação é a mais sutil e perigosa, pois a manobra envolvente acontece sem armas e sem derramamento de sangue.

As ONGs são financiadas por poderosos grupos internacionais que estão de olho nas nossas riquezas naturais. Os órgãos do Governo não controlam ou fiscalizam as suas atividades. Na realidade, as ONGs estão pesquisando, personalizando ou patenteando a biodiversidade da área, e, até, da cultura nativa. Na reserva de MAMIRAUÁ, e outras, brasileiro não entra.

Pelo Padre Antônio Vieira: “***Eles não querem o nosso bem, eles querem os nossos bens***”.

Desafios

Cobiça internacional na Amazônia, na busca da reserva incomensurável de pedras preciosas, jazidas das mais diversas, madeiras de lei, plantas medicinais e animais exóticos; ausência de órgãos do Governo na Amazônia, fato já reconhecido pela ABIN; o Conselho Mundial de Igrejas; a demarcação contínua de áreas indígenas; na reserva Raposa Terra do Sol; uma fatura de ONGs; à Reserva Yanomâmi adentra no território venezuelano, o “*ir e vir*” de “*meia dúzia de índios*” da mesma etnia poderá redundar numa “*expectativa*” de nação em terras pátrias e do país vizinho; biopirataria; pressão de ambientalistas e antropólogos; plantas da nossa flora, com aproveitamento medicinal, patenteadas por laboratórios estrangeiros; demarcação, em favor de quilombolas, de áreas exageradas; a demarcação da reserva do Rio Negro †“Cabeça do Cachorro”; e ineficiência da FUNAI e do IBAMA no gerenciamento dos assuntos amazônicos, pela extensão da área a ser fiscalizada.

Focos de Tensão

A Região Amazônica também apresenta, hoje, outros problemas, tais como: grande interesse internacional pelos recursos minerais e pela biodiversidade; utilização predatória dos recursos naturais; existência do contrabando e, sobretudo, do narcotráfico, cujos recursos financeiros chegam a neutralizar, por vezes, a incipiente presença do poder público; o constante descaminho de minerais e pedras preciosas; a desordenada atividade de garimpagem com graves deficiências sociais e trabalhistas; e as questões decorrentes de conflitos, envolvendo, normalmente, índios, posseiros, grileiros, garimpeiros, empresas de mineração e fazendeiros.

Medidas Acauteladoras

Nota-se a ausência do Estado e a falta de vontade política na resolução dos graves problemas dessa área estratégica, nos aspectos econômicos, psicossociais e militares, de modo a proporcionar melhores condições para a ocupação dos pontos-chaves, no vazio habitado pelos amazônidas.

Os brasileiros devem ter em mente que os nossos netos merecem receber um Brasil forte e intacto. Admitir a perda da Amazônia por decorrência de sua internacionalização significa inviabilizar o País como nação, pois perderemos 56% do nosso território. A opinião pública brasileira desconhece a gravidade do problema, por ignorância ou por falta de esclarecimentos da sociedade, veículos de comunicação e órgãos de Governo.

A presença das organizações militares do Exército na área, a vigilância aérea e o essencial apoio logístico da Força Aérea Brasileira (FAB) na ligação dos distantes pontos do continente amazônico, como também o atendimento, pela Marinha de Guerra, das populações ribeirinhas, abandonadas à própria sorte e isoladas da civilização, são respostas à preocupação com a soberania nacional. O Exército Nacional está empenhado no desenvolvimento da chamada “*Estratégia de Resistência*”, cujos princípios básicos são os de se opor ao **Invasor**, que tenha um poder militar incontestavelmente superior ao brasileiro. É necessário determinação, vontade, paciência e fé, para expulsar os alienígenas. Trata-se também de uma demonstração de não ceder à adversidade, apresentando uma política de dissuasão, de maneira que os possíveis invasores pensem duas vezes e estejam cientes de que pagarão com um **elevado preço em vidas** pela sua aventura.

A possibilidade apresentada não é utópica nem paranóica, pois no atual quadro político mundial, predominam as pressões intervencionistas de organismos internacionais. Precisamos, no entanto, de uma “*vontade nacional*”, para não aceitar a limitação de nossa soberania. Todos os cidadãos responsáveis, políticos ou não, devem “*acordar*” nosso povo, que se encontra desinformado, de modo que surjam pressões

legítimas na formação da **vontade nacional**, possibilitando a defesa da nacionalidade, contribuindo para o ressurgimento do sentimento de pátria, a despeito de todas as nossas mazelas.

Conclusão

Vamos **abrir a janela** e observar a situação do nosso Planeta.

Após o aparente término do “*equilíbrio do terror*”, quando duas potências mundiais se digladiavam pela conquista dos povos, seja por meio do controle ideológico, seja pelo econômico, hoje, observa-se a atuação de uma potência hegemônica e de um grupo de países (grupo dos oito) que determinam o destino da Humanidade. A época da chamada “*Guerra Fria*”, em que predominava o conflito Leste-Oeste, foi substituída por uma confrontação Norte-Sul, em que os países pobres, que detêm, no momento, uma grande instabilidade psicossocial, econômica e política, são constantemente ameaçados pelos ricos, ditos desenvolvidos.

Basta consultar a História para saber que, na política internacional, as amizades entre os países são transitórias, o que predominam são os interesses nacionais.

Na realidade, os brasileiros devem voltar as suas atenções, também, para o Pantanal, o Aquífero Guarani e a extensão de nossa fronteira marítima, hoje, denominada de Amazônia Azul, pela riqueza de sua plataforma continental e a importância na defesa da nossa Soberania.

Na época da tão badalada “*globalização*”, na qual não sabemos o que temos a ganhar ou a perder e levando-se em conta a teoria de que os países não têm mais fronteiras, devemos ficar atentos para não sermos **manipulados** por uma mídia que não sabemos até que ponto seria mera transmissora de notícias, favorecendo interesses de grupos internacionais ou mesmo nacionais.

O lema **INTEGRAR PARA NÃO ENTREGAR** está cada vez mais persistente. No entanto, existe uma luta surda entre os **ambientalistas** e os **desenvolvimentistas**. Não se deve degradar o ambiente ecológico da Amazônia, porém não se deve deixar de desenvolvê-la com critério, como, também, não se deve conservá-la virgem para ser aproveitada e até ser possivelmente degradada por outros povos. **O bom senso deve prevalecer.**

Nosso povo, **principalmente a Classe Média**, está preocupado com as nossas deficiências internas, em que a violência, a corrupção, a impunidade e os maus exemplos ocupam os noticiários dos veículos de comunicação, fazendo com que nos esqueçamos de **abrir a janela**, tornando-nos desatentos ao que se passa no mundo, onde há países que hoje sofrem intervenções econômicas e/ou militares.

Ao encerrarmos o presente trabalho, queremos prestar nossas homenagens a brasileiros que formaram a História da Amazônia, como o temido índio e guerreiro AJURICABA, o desbravador PEDRO TEIXEIRA, o patriota PLÁCIDO DE CASTRO, o memorável BARÃO DO RIO BRANCO, o idealista MARECHAL RONDON e o GENERAL RODRIGO OTÁVIO, autor da célebre frase: **“ÁRDUA É A MISSÃO DE DESENVOLVER E DEFENDER A AMAZÔNIA. MUITO MAIS DIFÍCIL, PORÉM, FOI A DE NOSSOS ANTEPASSADOS EM CONQUISTÁ-LA E MANTÊ-LA”**□